



## A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA COMO “NOVA TENDÊNCIA REVOLUCIONÁRIA”: AS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE ANGELO BANDONI

### THE LIBERTARIAN EDUCATION AS "NEW REVOLUTIONARY TREND": THE PEDAGOGICAL EXPERIENCES OF ANGELO BANDONI

Bruno Corrêa de Sá e Benevides\*

**Resumo:** Este artigo busca resgatar as experiências pedagógicas desenvolvidas pelo militante anarquista de origem franco-italiana, Angelo Bandoni, durante os anos em viveu no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo (1900-1947). Nesse sentido, pretende-se ressaltar a importância concedida por Bandoni à educação dos trabalhadores no processo revolucionário, buscando compreender, ainda, o funcionamento das três escolas de que foi responsável pela organização, frisando as peculiaridades de seu método de ensino, e os embates que enfrentou com outros companheiros libertários por ter desenvolvido uma metodologia distinta da pedagogia racionalista proposta por Francisco Ferrer y Guardia na Espanha.

**Palavras-chaves:** Angelo Bandoni. Educação Libertária. Anarquismo.

**Abstract:** This article seeks to rescue the pedagogical experiences developed by the anarchist militant of French-Italian origin, Angelo Bandoni, during the years he lived in Brazil, more specifically in the State of São Paulo (1900-1947). In this sense, the aim is to highlight the importance given by Bandoni to the education of workers in the revolutionary process, seeking to understand the functioning of the three schools that were responsible for the organization, stressing the peculiarities of their teaching method, and the faced with other libertarian companions for having developed a methodology different from the rationalist pedagogy proposed by Francisco Ferrer and Guardia in Spain.

**Key words:** Angalo Banoni. Libertarian education. Anarchism.

---

\* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UNIRIO). Graduado em Licenciatura em História pela mesma Instituição.



## Apresentação

“Trabalhadores, estudem! Não deixem crescer os vossos filhos na ignorância” (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 02, “A emancipação dos trabalhadores”).

Angelo Bandoni.

Antes do movimento anarquista se afirmar enquanto corrente político-filosófica da maneira como a compreendemos hoje, utilizando inclusive essa nomenclatura, as diversas experiências libertárias existentes, bem como seus pensadores, via de regra, tentaram formular um modelo teórico visando uma proposta educacional (PASSETI; AUGUSTO, 2008, p. 31).

Do mesmo modo, nessas perspectivas educacionais as práticas pedagógicas, sobretudo posteriormente a consolidação do anarquismo na segunda metade do oitocentos, assumiriam extrema importância no processo da tão almejada emancipação social do operariado (GALLO, 2007, p. 36).

Tais concepções educacionais libertárias, portanto, que foram melhores desenvolvidas após a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864), espalharam-se por distintas partes da Europa ao longo da segunda metade do século XIX, através do anarquismo presente no bojo de inúmeros movimentos de trabalhadores. Esse foi o caso, por exemplo, da experiência italiana. Errico Malatesta<sup>1</sup>, personagem crucial na formação de uma seção internacionalista na península itálica e grande propagador do ideal anárquico principalmente após o contato que manteve com Bakunin (PERNICONE, 1993), foi, de certa forma, um grande defensor da necessidade de um modelo educacional distinto que fosse capaz de “educar para a liberdade, de elevar a consciência de sua própria força e de sua capacidade dos homens que estão habituados à obediência e à passividade” (MALATESTA, 2007, p. 170-172).

Quando o anarquismo chegou ao Brasil, que especificamente no Estado de São Paulo ocorreu em razão da intensa imigração italiana no fim do século XIX, a defesa pela prática de uma pedagogia libertária também passou a ser defendida por alguns militantes, que se envolveram na organização de inúmeras escolas sob tais perspectivas.

Desse modo, no início do século XX, quando uma segunda onda de imigrantes saiu da Itália com destino ao porto de Santos, alguns dos estrangeiros que lá desembarcaram e que já possuíam o contato com o anarquismo fora do país, tornaram-se responsáveis pela formação de

<sup>1</sup> Assim como Carlo Cafiero e Andre Costa, ver PERNICONE, 1993.



algumas dessas escolas, que foram, inclusive, pioneiras no Brasil. Caso exemplar foi Angelo Bandoni, que desde o momento em que aportou em terras americanas, esteve envolvido na execução da prática pedagógica sob o viés libertário<sup>2</sup>. Além de ser reconhecido pela organização de uma das primeiras escolas, e de ressaltar o papel da educação no processo revolucionário, as suas experiências destacam-se, como veremos, em razão do uso de um método de ensino distinto das proposições defendidas pelo catalão Francisco Ferrer (racionalismo), fato que, aliás, contribuiu para que Bandoni fosse alvo de inúmeras críticas.

Tendo em vista o anseio de Angelo Bandoni por fundar escolas atravessadas pelas ideias anarquistas destinadas a instrução dos filhos dos trabalhadores pertencentes à comunidade italiana em São Paulo, e em razão de sua dedicação ao magistério ao longo dos 40 anos em que viveu no país, mesmo não possuindo uma instrução formal acadêmica que o permitisse lecionar, é que as propostas escolares do “professor” (GATTAI, 1994, p. 132) (como passou a ser chamado e reconhecido) merecem ser ressaltadas.

### Um pouco sobre o professor<sup>3</sup>

O *hall* da fama do anarquismo em São Paulo nos primeiros anos da República é composto por militantes emblemáticos como Gigi Damiani, Oreste Ristori, Tobia Boni, Alessandro Cerchiai, Edgard Lourenroth, Florentino de Carvalho, Neno Vasco, entre outros, que em razão de suas ações aguerridas despertaram interesse na produção de trabalhos biográficos<sup>4</sup>. Para alguns historiadores e memorialistas, o nome Angelo Bandoni também se insere nesse grupo. Entretanto, o estudo de sua trajetória de vida apenas foi ressaltado por historiadores estrangeiros, e mesmo assim sem uma dedicação exclusiva<sup>5</sup>.

Angelo Bandoni, nasceu em 2 de julho de 1868 em Bastia, uma cidade localizada ao norte da ilha da Córsega na região do mar Mediterrâneo. Vale ressaltar que a ilha da Córsega, até o ano de 1769, sofreu grande influência política de diversos reinos, principalmente os italianos ainda não unificados, quando a partir desta data passou a pertencer ao domínio da

<sup>2</sup> Cabe mencionar que a sua militância não se resumiu apenas a organização de escolas, mas também com propaganda anárquica a partir da edição de alguns periódicos.

<sup>3</sup> Sobre as informações biográficas de Angelo Bandoni mencionadas neste texto, ver artigos: BENEVIDES, 2016a e BENEVIDES, 2016b).

<sup>4</sup> Sobre Gigi Damiani: FEDELI, 1954; sobre Oreste Ristori: ROMANI, 2002; sobre Edgard Lourenroth: KHOURY, 1989; Neno Vasco: SAMIS, 2009 e Florentino de Carvalho: NASCIMENTO, 2000

<sup>5</sup> Essa é justamente a tarefa que está sendo realizada pelo autor ao longo do mestrado em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UNIRIO), qual seja, a de elaborar uma biografia de Angelo Bandoni ressaltando a sua trajetória libertária e a sua ação no campo da educação.



França (REY, 2008, p. 05). Essa informação possui grande relevância, na medida em que demonstra ser Bandoni francês de nascimento, mas de cultura italiana.

Apesar de ter nascido na Córsega, Bandoni tinha origem italiana por parte materna e paterna, pois ambos eram de Livorno. Após o nascimento de Angelo, a família Bandoni viveu na ilha francesa por mais 18 anos, quando ele, seu pai (Giovanni Bandoni) e seu irmão migraram em direção à Itália.

De Bastia, a família Bandoni chega à cidade de La Spezia e se estabelecendo na região no ano de 1886. A trajetória de Angelo na Itália é um conjunto de “idas e vindas”. No momento em que aporta na península itálica, o anarquismo estava fervilhando e sofria intensa repressão por parte das autoridades italianas. No final do século XIX, o país era possuidor de uma massa trabalhadora ainda predominantemente agrária e artesã, que passava por grandes dificuldades e uma miséria crescente. O processo de industrialização na região norte do país e as periódicas crises econômicas geraram um expurgo de proletariados desempregados provocando uma profunda desigualdade social e entre regiões<sup>6</sup>.

Tais condições favoreceram o desenvolvimento do movimento anarquista, sobretudo nas regiões da Toscana (seu berço), Firenze, Prato, Livorno, Massa, Carrara e dali foram ampliando o seu raio de propagação por toda a península até 1898 (LEVY, 1999, p. 07), quando experimentou o seu processo de enfraquecimento em razão de uma intensa repressão. Fator preponderante no desenvolvimento dos ideais libertários foi a passagem de Mikhail Bakunin na Itália entre os anos de 1864 a 1867, cujos ensinamentos colaboravam na formação de dois dos maiores expoentes do anarquismo italiano – Errico Malatesta e Carlo Cafieiro (PERNICONE, 1993, p. 03-04).

Uma das características essenciais do proletário italiano do final do novecentos foi o estabelecimento de um nexos entre o pensamento e a ação, onde a camada mais baixa do proletariado, os *braccianti* (trabalhadores, jornaleiros ou boia-fria), em “contato com um discurso teórico do socialismo, apropriou-se gradativamente das premissas teóricas anarquistas rejeitando, porém, as práticas de luta da pequena burguesia”. O modelo de reação adotado por esse novo contingente anarquista contra a “exploração de quem os dominava passou a ser

<sup>6</sup> Sobre a Itália na segunda metade do XIX, ver: BIONDI, 2011, p. 39-40 e HOBBSAWM, 2013, p. 183-184, para uma compreensão do universo proletário neste mesmo período.



sistemática: a realização de furtos campestres e o incremento dos bandos armados” (ROMANI, 2002, p. 32).

Por consequência, duas vertentes do anarquismo na Itália se desenvolveram. O individualismo, aqui incluídos os insurrecionalistas, já desde a década de 1870 quando da perseguição aos trabalhadores internacionalistas após o fim da Comuna de Paris, e o chamado anarco-comunismo, a partir da concepção originária de Kropotkin e muito defendido por Malatesta desde seu regresso da Argentina ao final da década de 1880. Como a corrente individualista foi mais forte até quase o final do *dezenove*, percebe-se certa e efêmera proximidade de Angelo Bandoni com esta vertente, tendo em vista algumas de ações à época de sua estadia na Itália. E que ações foram essas?

O jovem Bandoni não tinha endereço e nem destino certo, transitando por distintos lugares da costa tirrênica norte italiana. Todos esses sítios inclusive sob grande influência do anarquismo. Depois de constatar a sua primeira aparição em La Spezia (1886), os registros policiais apontam que ele havia sido preso na comuna de Lucca (1887), na região da Toscana, por contrabando de moeda falsa, permanecendo privado de sua liberdade até final de 1890, quando, após ter cumprido a sua pena, retornou pela segunda vez a La Spezia.

No mesmo ano que foi posto em liberdade, Bandoni foi novamente condenado a cinco anos de reclusão por furto, roubo e uso de documento falso. Só que desta vez cumpriu pena na Argélia, colônia administrada pelo Estado da França, já que era francês nato. Em 1895, após ter saído da prisão, retorna pela terceira vez a La Spezia, ocasião em que foi mais uma vez detido (por nove meses) e definitivamente expulso da Itália. Entre os anos de 1895 a 1900 há divergências nos registros policiais. Uma versão menciona que durante este período migrou clandestinamente para a Argentina, retornando à Itália anos depois. A segunda versão diz que veio para o Brasil e posteriormente retorna à comuna de La Spezia.

Em maio de 1898, uma forte onda de repressão assolou os anarquistas. Com a deflagração da revolta contra o aumento do pão, as forças do rei Umberto I (1878-1900) acertaram o cerne do movimento libertário na tentativa de reprimir os “subversivos”. Desta forma, iniciou-se uma sequência de expulsões e prisões por todo o país. Além disso, foi necessário empurrar essa massa proletária para um lugar distante e amenizar as tensões internas, o que foi providenciado pelo governo italiano através da imigração em massa para a América (LEVY, 1999, p. 06). Foi exatamente nesse contexto conflitante e de grande repressão, que Bandoni teve a sua expulsão decretada.



Segundo as informações policiais da prefeitura de Livorno, Bandoni era um *sedicente professore*, ou seja, que dizia ser professor apesar de não ser ou não ter a formação, contudo é uma questão embaraçosa entender como e onde aprendeu a ler e a rabiscar as primeiras letras do alfabeto. Carlo Romani ressalta dados sobre o ambiente social vivenciado na Itália no final do século XIX que podem conferir luz ao caso:

*(...) o aumento do desemprego ocorrido no início da década de 1880 acabou trazendo outros elementos aos bares, engrossando assim o caldo humano integrante deste ambiente da “cultura da praça”. São o estudante, o jornalista e o artesão empobrecido, que fechou seu negócio e perdeu seus clientes, também empobrecidos, que desceram, por necessidade, à categoria de trabalhadores diaristas, eventuais, à cata de um esporádico trabalho que viesse a surgir. Frequentadores dos cafés, um bar um pouco mais sofisticado, um espaço mais recente de convivência, onde liam os jornais e travavam discussões sobre a política italiana, esta pequena burguesia decadente passa a ser um outro pilar de propaganda do anarquismo, fazendo circular os periódicos do movimento e trocando informações com os ativistas proletários (ROMANI, 2002, p. 32).*

Durante o período em que viveu na Itália, possivelmente Angelo Bandoni tenha bebido desse caldo cultural e com isso tenha aprendido a ler e a escrever sob uma série de tentativas e erros. Por meio de periódicos e panfletos que circulavam entre a massa proletária, beneficiando-se, ainda, do contato com outros ácratas alfabetizados e adquirindo um conhecimento sobre cultura geral em enciclopédia e livros clássicos de escritores libertários, pouco a pouco foi forjando-se como anarquista.

No dia 05 de maio de 1900, Angelo Bandoni aportou em Santos, no Estado de São Paulo, a bordo do vapor *Città di Genova*. Veio sozinho em busca de novos rumos na América. Tinha apenas 30 anos e do Brasil jamais se mudou, permanecendo no país por mais de 47 anos.

Quando chegou em terras brasileiras, residiu em uma área rural na zona oeste do Estado de São Paulo, denominada Água Virtuosa (ANTONIOLI, 2004). Possivelmente nesse momento deve ter trabalhado no campo como colono agrícola, fenômeno muito comum junto aos italianos recém-chegados ao país no final do *oitocentos*. Em um segundo momento, muda o local de sua residência para o centro urbano paulistano, mais especificamente no bairro do Bom Retiro (região onde abrigou grande quantidade de imigrantes italianos).

A escravidão havia sido recentemente abolida (1888) e a República acabara de ser proclamada (1889) quando adentrou ao país. O parque industrial nacional ainda era muito incipiente e se restringia ao Estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Quer dizer, o movimento de



trabalhadores operários ainda estava germinando. Portador de certo *capital* libertário adquirido no exterior, assim como diversos militantes, Bandoni contribuirá ativamente na formação da massa trabalhadora organizada, sobretudo propagando as ideias anarquistas.

As suas ações libertárias tiveram maior ênfase na propaganda e na informação dos trabalhadores. As práticas mais “subversivas”, aquelas cometidas no estrangeiro, haviam sido deixadas para trás. Entrava em cena agora um novo Bandoni, mais intelectualizado e maduro. Tanto é assim, que durante o período em que esteve no Brasil, escreveu em diversos periódicos e também foi responsável pelas edições de alguns outros que ganharam notabilidade. Além disso, realizou conferências, organizou escolas e ainda teve tempo para escrever poesias.

### Um anarquista sem adjetivo

Durante o período em que viveu no Brasil, Bandoni tendeu a assumir uma posição não muito bem definida dentro do anarquismo. Neste sentido, inúmeras vezes se declarou contrário à tese que dizia ser obrigatória a conformação dos anarquistas em torno de uma organização sindical, de modo que grande parte da historiografia recente o define como um antiorganizador (FELICI, 1994). Outro ramo dessa historiografia, contudo, foi mais além, e tendeu identificar as suas críticas às organizações sindicais como um elemento que o ligasse ao insurrecionalismo defendido por Luigi Galleani<sup>7</sup>.

Em que pese tais posicionamentos, vale registrar que Angelo Bandoni foi apenas um profundo crítico das organizações mais verticalizadas (como partidos e sindicatos), já que em algumas ocasiões ressaltou positivamente o papel dos agrupamentos formados por trabalhadores, mas desde que não centralizados<sup>8</sup>. Na prática, por diversas vezes o encontramos envolvido na formação de círculos e de escolas libertárias, realizando inclusive solicitações burocráticas perante a Administração Pública para a concessão de licença de funcionamento dessas organizações (BENEVIDES, 2016b).

Por outro lado, cabe pontuar que a posição de Bandoni dentro do movimento libertário implica realizar uma distinção entre aqueles contrários aos sindicatos, mas que não eram

<sup>7</sup> Um pouco em razão da classificação feita no livro *Black Flame*, ver: VAN DER WALT; SCHMIDT, 2009, p. 132.

<sup>8</sup> Basta ver embate que manteve com o Giulio Sorelli, onde este último acusa Bandoni de se declarar antiorganizador. Mas, quando lhe foi conveniente defendeu que os professores em São Paulo deveriam criar uma organização visando a exigências melhores condições da categoria, ver: *La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01.



adeptos integralmente do individualismo italiano (esses últimos seguidores, por exemplo, de Luigi Galleani<sup>9</sup>, e que serão denominados insurrecionalistas). Essa integral proximidade com as ideias galleanistas não se comprova na prática. Durante duas décadas como articulista, jamais chegou a mencionar em seus textos qualquer indício dessa influência<sup>10</sup>. Acreditamos, portanto, que o antissindicalismo de Angelo Bandoni é mais um reflexo da desconfiança gerada pela experiência sindical italiana (lugar hegemonizado inicialmente, no fim do século XIX, pelo socialismo reformista) (ANTONIOLI, 2004, p. 193) do que propriamente uma aproximação às ideias de Galleani.

O que é possível verificar, de fato, pela análise das fontes, foi um forte traço de proximidade com o comunismo anárquico de Errico Malatesta, na medida em que prosseguiu como um grande defensor da solidariedade anárquica, defendendo que o anarquismo do ponto de vista econômico deveria seguir as bases do comunismo (ou seja, uma tendência mais comunitária), e, no plano político, necessitaria trilhar pelos ideais libertários. Ainda por cima, chegou a fazer clara crítica aos individualistas. Vejamos em detalhe o seu pensamento:

[...] Onde não existem leis coercitivas, os homens querem ser iguais no direito de consumir; onde existem leis, a anarquia é absolutamente impossível.  
Não são anarquistas - para nós - todos aqueles individualistas em seu sentido estrito, ou mais claramente os amorfos.  
A Anarquia é, para nós, um organismo, uma forma, da qual a única forma coesiva será a solidariedade.  
(...)  
Anárquico é sinônimo de solidário. Com solidariedade se vence; com solidariedade se pode viver anarquicamente.  
(...) nós entendemos por anarquista de pensamento tanto aquele que não evita o uso da violência, quando com a violência se pode frear a injustiça sistemática ou afetar a resolução do problema social, quanto que, em economia, se afirmam comunistas, e, na política, Libertários (*La Battaglia*, n. 11, 4 de Setembro de 1904, p. 02 e 03, “Distinguimos”).

Diante disso, um exame mais apurado da sua produção tipográfica e a consulta de documentação até então inexplorada sobre o Bandoni revelam que é arriscado (e talvez um equívoco) catalogar este militante de maneira rígida em qualquer tipo de vertente anárquica.

<sup>9</sup> Luigi Galleani provinha do Partido Operário, mesmo partido de Andre Costa, que depois se tornará Partido Socialista e só ao final dos anos 1880 adota posições insurrecionais (Sobre Galleani ver a biografia: SENTA, 2012).

<sup>10</sup> Mesmo assim, não rechaçamos totalmente a ideia de que Luigi Galleani tenha influenciado os anarquistas italianos em São Paulo, e especialmente Bandoni. Porém, tal afirmação é especulativa, na medida em que praticamente não fez referência a Galleani. Portanto, apenas é possível fazer aproximações teóricas.



Desta forma, a sua melhor definição, talvez, seja a de um “anarquista sem adjetivos”, como na proposição defendida pelo anarquista espanhol Ricardo Mela, o pioneiro (1900) a utilizar essa expressão e a mencionar a importância de uma “síntese”<sup>11</sup> entre as correntes anárquicas (CODELLO, 2017, p. 59). Este fato contribui em muito para ressaltar a especificidade dos anarquistas italianos em São Paulo, visto que grande parte das práticas dos militantes não comportava um enquadramento inexorável nas classificações até então formuladas, já que a tradição italiana recebeu historicamente a influências de múltiplas tendências.

### As práticas pedagógicas do “professor”

Chamado por companheiros desta próspera localidade para dirigir a Escola Francesco Ferrer não desertei, sem demasiado arrependimento, ao improprio trabalho na Serra Brumosa. O trem me transportava veloz, atravessou a planície [...] e zonas cafeeiras, (...), a não breve, distância de cerca de 500 km, enquanto o pensamento, mais veloz do que o trem, percorria inquieto para o destino desconhecido, perdendo-se na mais problemática dos reconhecimentos.

O meu coração exultava. Aos meus filhos, que me perguntavam ansiosos: ‘onde estamos, pai? é bonito Candido Rodrigues?’ respondia: não sei, meus caros... Mas, lá, nos esperam os irmãos gentis; lá, uma quantidade de meninos, como vocês, serão a mim confiados e eu terei a imensa satisfação de ensinar a esses e vocês, a distinguir o bem do mal e a verdade do engano (*La Battaglia*, n. 320, 03 de setembro de 1911, p. 03, “Uma exceção à regra?”).

O relato, com um leve toque poético, uma característica sempre peculiar de seus textos, faz parte de um artigo publicado por Angelo Bandoni no periódico *La Battaglia* em setembro de 1911. Na ocasião, escrevia dando notícias sobre a sua nova empreitada que consistia na fundação de uma escola libertária no município de Cândido Rodrigues, cidade pertencente ao Estado de São Paulo e localizada aproximadamente a 400 quilômetros da capital.

À época, Cândido Rodrigues era uma cidade cujo perímetro estava cercado por fazendas dedicadas ao cultivo do café e que, por esta razão, recebeu intenso contingente de colonos imigrantes, principalmente de origem italiana destinados ao trabalho nas lavouras. Bandoni já conhecia a região de longas datas, isso do período em que realizou diversos giros de conferências e de propaganda anarquista pelo interior de São Paulo, servindo-se sempre da

<sup>11</sup> Entre aspas, com a preocupação de não incorrer em um possível anacronismo, visto que o movimento de síntese acontecerá em ocasião bem posterior, isto é, na década de 1920, com Sebastian Faure, Volin, em contraposição aos plataformistas.



malha ferroviária para o seu deslocamento (BENEVIDES, 2016b). Só que dessa vez o seu objetivo era outro.

De acordo com o próprio Bandoni, a tarefa tinha tudo para dar errado, tamanha eram as expectativas negativas das situações adversas que poderiam ser encontradas. Entretanto, os colonos estabelecidos naquela localidade conseguiram “tirar uma riqueza econômica” do trabalho que realizavam, tornando-se, uma boa parte, “pequenos proprietários”, pequenos agricultores na verdade, fato que possibilitou uma qualidade de sobrevivência acima do esperado. Além disso, as famílias buscavam um melhoramento de vida e também almejavam conceder uma educação formal a seus filhos (*La Battaglia*, n. 320, 03 de setembro de 1911, p. 03, “Uma exceção à regra?”).

Por tais razões, Bandoni julgou a cidade como sendo uma “exceção à regra”. Tanto assim, que foi em Cândido Rodrigues que conseguiu organizar a sua terceira experiência pedagógica, a mais bem sucedida de todas desde que chegou ao Brasil. Fundou ali, portanto, “a Escola Moderna Francisco Ferrer”, como lhe foi designada, tendo sido considerada por ele como uma “propriedade inalienável, aberta indistintamente a todos os filhos do povo”, onde “o ensinamento é certamente libertário, (...), isto é isento de superficialidade e mentiras” (*La Battaglia*, n. 320, 03 de setembro de 1911, p. 03, “Uma exceção à regra?”).

A educação para Bandoni era, se não o único, talvez o mais importante caminho para o anarquismo. Na sua opinião, a emancipação dos trabalhadores apenas seria possível por meio do processo educacional, onde a partir dele “a classe trabalhadora saberia separar-se da massa”, e de sua inércia. Nesse sentido, a escola libertária assumiria a sua nova e verdadeira finalidade, qual seja: a “TENDÊNCIA REVOLUCIONÁRIA”. Em razão disso, defendia sempre que possível a instrução do proletariado, e de seus filhos, com a finalidade de, acima de tudo, garantir a sua participação social (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 02, “A emancipação dos trabalhadores”):

(...) A instrução, (...), é, não unicamente útil, mas necessária por todos aqueles que têm o legítimo desejo de ser, na sociedade, em que vivem, qualquer coisa a mais do que estômagos ambulantes. E nós devemos sempre considerar o estudo, como uma fonte inexaurível de novos conceitos e de legítima satisfação. Tanto mais que – se o estudo é bom e profícuo por render mais estima e melhora – isso se impõe, incontestavelmente como legítima defesa.  
(...)



Trabalhadores estudem! Façam estudar os vossos filhos, proponham indefesamente pelo triunfo da Escola Moderna (*La Battaglia*, 09 de março de 1912, p. 02, “A emancipação dos trabalhadores”).

A escola organizada em Cândido Rodrigues, como dito, não foi a primeira experiência pedagógica de Angelo Bandoni no Brasil. Aliás, o seu capital cultural no campo da pedagogia vai sendo aperfeiçoado com o decorrer do tempo de estadia no país, ganhando reconhecimento, inclusive, no interior da comunidade italiana a qual fazia parte. Deste modo, Bandoni passou a ser reconhecido pela alcunha: o *professor* (GATTAI, 1994, p. 132)<sup>12</sup>, tamanho o seu vínculo com a arte do ensino. A prática de lecionar foi sendo adquirida no cotidiano e na aplicação de um método específico baseado em suas leituras, tendo o seu contato preliminar acontecido ainda no estrangeiro (BENEVIDES, 2016b).

Logo nos primeiros anos vivendo no Brasil, *o professor* desenvolveu duas experiências de escolas atravessadas pelas concepções libertárias. Foi no então bairro em que residia – Bom Retiro – que fundou (1902) a *Escola Libertária Germinal*. A notícia reverberou na imprensa anarquista, que passou a noticiar, em forma de propaganda, informações sobre a referida escola. A publicação, constante no periódico *Amigo do Povo* de janeiro de 1904, revela alguns detalhes de seu funcionamento, custo e a localização:

Há 15 meses que funciona com êxito verdadeiramente surpreendente no Bairro do Bom Retiro (Rua Solon, 138) uma escola elementar racionalista, para ambos os sexos. A praticabilidade e a rapidez dos métodos aplicados nesta escola souberam despertar tantos interesses e tantas simpatias que, hoje, um bom núcleo sempre crescente de homens de boa vontade assegura-lhe o material escolar para distribuir, gratuitamente, todo o ano, aos alunos e - com uma cota mensal de 500 réis a título de incitamento - permite reduzir o pagamento mensal de cada criança a 2\$500 réis. Quem duvide da superioridade do ensino libertário sobre quaisquer outros métodos, é convidado a visitar a nossa escola, das 9 horas ao meio-dia e da 1 às 3 da tarde. Trabalhadores: Pensai no futuro de vossos filhos (*O Amigo do Povo*, n. 63, de 26 de janeiro de 1904).

Apesar de um sucesso efêmero, a *Escola Libertária Germinal* só funcionou até junho de 1905, quando foi obrigada a interromper suas atividades, pois não conseguiu mais se sustentar financeiramente. O então editor do periódico *La Battaglia*, Oreste Ristori, grande

<sup>12</sup> Ver também: *O Combate*, 17 de março de 1919, onde um pequeno trecho anunciando uma conferência a ser proferida “pelo professor Angelo Bandoni”.



amigo e companheiro de militância de Bandoni, ressaltou em uma nota publicada no jornal que a escola “tem dado resultado surpreendente”, porém a carência de recursos era insuficiente até mesmo para que o professor se dedicasse com exclusividade ao magistério, de modo que se “os companheiros que se empenharam neste propósito não doarem nem apenas um décimo do comprometido, (...) naturalmente a escola ameaça naufragar” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 04, “Um grito de alarme”).

Contudo, Bandoni não desistiria tão fácil. Dois anos depois deu continuidade ao seu projeto inicial. Seguindo os mesmos moldes da experiência anterior, em setembro de 1907, pôs em funcionamento a segunda fase da *Escola Libertária Germinal*. Novamente a inauguração ganhou as páginas da imprensa anarquista:

Estamos, de verdade, honrados de poder anunciar, que por plausível iniciativa de um grupo de voluntários – virá reaberta no rincão do Bom Retiro, A ESCOLA LIBERTÁRIA GERMINAL. Os iniciadores estão organizando uma quermesse libertária para fazer frente às despesas de implantação (*La Battaglia*, n. 137, de 15 de setembro de 1907).

O objetivo das escolas adeptas às concepções libertárias era ocupar um espaço onde o poder público ainda não atuava, já que a educação pública, nos primeiros anos da república, resumia-se a algumas “escolas existentes nas áreas burguesas da cidade que dificilmente conseguiam ser frequentadas pelos filhos dos operários” (ROMANI, 2002, p. 179). Agindo em outra zona ociosa da ação Estatal, a Igreja oferecia o seu ensino clerical pago para a parcela restante da burguesia (CODELLO, 2007, p. 232).

Diante da escassez de oportunidades, restava ao filho do operário tentar uma “remotíssima vaga na escola oficial ou pagar caro pelo ensino religioso” (ROMANI, 2002, p. 177). A realidade é que maioria dos filhos do proletariado não frequentava a sala de aula. Assim, o ambiente era propício para o desenvolvimento de uma educação de base popular de tendência libertária, buscando garantir um mínimo de educação aos filhos do operariado e fazer frente às realidades sociais (MORAES, 2010, p. 09).

Sendo assim, não se tratou de um modelo educacional tradicional. Reinava entre o proletariado adepto dos ideais libertários a educação racional. Este modelo por sua vez representou um ensino de caráter científico, empírico, onde os anarquistas “concebiam a escola como uma comunidade que deveria estar organizada segundo os valores fundamentais de uma



sociedade libertária” (GALLO, 2012, p. 10). Ou seja, igualdade, liberdade, solidariedade, anticlericalismo e antiestatismo deveriam ser os pilares da comunidade escolar. Além disso, tais escolas caminharam na vanguarda e inovaram implementando modelos de ensino que possibilitavam o convívio de crianças de sexos diferentes na mesma sala de aula.

A proposta mais importante das escolas libertárias era promover um tipo de ensino onde não servisse de modelo propagador de um controle social por determinadas instituições, como por exemplo os hospitais, as penitenciárias e as escolas (militar, a religiosa ou a proposta pelo Estado), como muito bem salientou Michel Foucault (1983).

De todo modo, até que o modelo do famoso catalão Francisco Ferrer, com sua escola moderna e seu método racionalista, entrasse em voga entre os anarquistas no Brasil, as primeiras experiências buscaram constituir escolas com métodos e concepções que possuíssem um programa de ensino libertário próprio. Esse foi o caso de Angelo Bandoni em sua *Escola Germinal*, uma vez que aplicou uma metodologia de ensino denominada *mnemológico-resolutivo*, tendo sofrido, por essa razão, críticas contundentes de seus companheiros. A pedagogia da escola moderna de Ferrer, possuidora de uma maior qualidade, sobretudo do ponto de vista técnico, foi açambarcando todas as outras organizações escolares que vinham sendo desenvolvidas entre os libertários.

Essa clivagem entre o melhor modelo educacional a ser adotado possuiu maior ênfase no Brasil a partir de 1909, com o fuzilamento de Francisco Ferrer na Espanha, provocando intensa reação e mobilização entre os anarquistas. No calor dos embates “formou-se a Comissão Pró-Escola Moderna, que, entre 1909 e 1912, procurou criar as condições necessárias ao desenvolvimento do ensino libertário em São Paulo” (MORAES; CALSAVARA; MARTINS, 2012, p. 1001) tendo como paradigma o racionalismo ferreriano. Além disso, a intenção dos militantes era a de afastar impostores que se diziam professores, e que iniciavam campanhas entre os trabalhadores solicitando doações visando a organização de escolas, mas que desapareciam sem deixar paradeiro (*La Battaglia*, n. 265, 10 de julho de 1910, p. 04 e edições seguintes).

As propostas educacionais agregaram militantes como Orestes Ristori, Gigi Damiani, Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho, Neno Vasco, Edgard Leuenroth, Octavio Brandão, João Penteadó, José Oiticica, Rodolpho Felipe e Zeferino Oliva, Leão Aymoré, entre outros, resultando na composição de “um grupo heterogêneo de sindicalistas, antiorganizadores e comunistas, que decidem somar seus próprios esforços a outros companheiros não



declaradamente anarquistas” (ROMANI, 2017, p. 68). Como resultado, nesta década vivenciou-se uma “certa profissionalização da atividade pedagógica libertária” baseada na concepção racionalista de Ferrer, e também acarretou a organização de Escolas Modernas em São Paulo e no Rio de Janeiro (p. 68).

O modelo pedagógico de Francisco Ferrer defendia a organização de escolas mista (para ambos os sexos) e aberta a todos os meios (conquanto paga, o preço da pensão varia em função da renda dos pais); “ela é laica e bane todo ensino religioso. Enfim, é também racional e científica” (LIPIANSKY, 2007, p. 49). Outro elemento fundamental de sua pedagogia é a prática no processo de aprendizagem. Nesse sentido, a proposta é que a criança vivencie o conhecimento junto com o professor, em lugar de fundar tudo sobre a instrução teórica, sobre a “aquisição de conhecimento que não tem significação para a criança, se partirá da instrução prática, aquela cujo objeto se mostre claro, quer dizer, se começará pelo ensino do trabalho manual (FERRER, s.d., p.126 in MORAES, 2010, p. 08).

Mesmo com as críticas, Bandoni não abandona o seu<sup>13</sup> método *mneumônico*, que diferentemente do racionalismo ferreriano, baseava-se no aprendizado a partir da memória, pois para ele a “memória é, para sempre, a faculdade psíquica mais importante”, e que a “curiosidade abre a memória às imaginações” (*La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, p. 02, “Pela Escola Moderna”). Tanto é assim, que parte em direção ao interior de São Paulo e lá funda, em 1911, a já ressaltada Escola Moderna de Cândido Rodrigues, que paradoxalmente foi intitulada com o mesmo nome daquela organizada por Francisco Ferrer, em 1901, na cidade de Barcelona. Na verdade, a intenção dele era demonstrar que a sua proposta era libertária, mesmo valendo-se intensamente da memorização, sem contudo pretender se afastar da experiência do pedagogo catalão (*La Battaglia*, n. 358, 22 de junho de 1912, p. 04, “Pela Escola Moderna”), pois nesse momento era um paradigma entre os anarquistas.

De uma maneira geral, o método *mnemônico* consistiu em uma pedagogia onde o aprendizado se dava unicamente por meio da memorização pelos alunos do conteúdo que deveria ser ensinado. Deste modo, os estudantes deveriam aprender os temas apenas a partir da fixação dos conceitos sem qualquer tipo de raciocínio interpretativo profundo. Tal método, da

<sup>13</sup> Não pretendemos afirmar com isso que o método tenha sido criado e desenvolvido por Bandoni. Tudo leva a crer que teve conhecimento desta metodologia ainda no estrangeiro. Mas apesar dessa suposição, as fontes (seus textos) não permitem compreender a origem, a verdadeira autoria e em que momento precisamente teve contato com esta modalidade pedagógica.



mesma forma, não possibilitava o ensino de um determinado assunto através da observação prática, mas tão somente a partir do seu significado puro e simples<sup>14</sup>.

No segundo semestre de 1912, Bandoni decidiu sair pelo interior paulista e também retornar brevemente à Capital paulistana para falar de suas experiências em Cândido Rodrigues, e de alguns sucessos da sua Escola Moderna. Com ele, levou dois de seus alunos no intuito de demonstrar, na prática, a eficácia dos seus métodos durante a sua exposição nas conferências.

Em que pese a tentativa, a passagem pela Capital de São Paulo foi desastrosa. Bandoni, em tom melancólico e arrependido, relata o episódio como um momento em que recebeu severas críticas de seus companheiros em razão do seu método:

Como é notório aos leitores do *La Battaglia* e do *A Lanterna*, o dia vinte e nove de junho, acompanhado de dois alunos da minha escola, iniciei o meu giro de conferências pró-escola.

(...) Em todos os lugares me foi possível efetuar as minhas exibições do meu método, (...).

Em São Paulo, a burrice da minha boa vontade e do meu entusiasmo, vacilo e queda. Em São Paulo, não se brinca: A Atenas do Brasil!... Falei, falamos com o usual entusiasmo; o efeito foi... desastroso!... (*La Battaglia*, n. 365, 18 de agosto de 1912, p. 03-04, “Pela Escola Moderna”).

Na ocasião, os anarquistas em São Paulo censuram asperamente a sua “obra modestíssima, concluindo que (...) ensinamento é amansamento e que não tinha feito mais do que pôr no presente o mais do velho”, acusando, ainda, ser “o mais inconcludente e o mais exótico dos métodos”. Por fim, “foi dito pelos intelectuais de São Paulo, que tudo que eu faço, na escola, não se revela mais que a boa vontade”. Em sua própria defesa, Bandoni afirmou que seu método é “não apenas verdadeiramente moderno, mas alcança o melhor de todos os resultados. Com isso, não pretendo afirmar que a razão está do meu lado: [pois] nenhum é infalível” (*La Battaglia*, n. 365, 18 de agosto de 1912, p. 03-04, “Pela Escola Moderna”). Além disso, Bandoni contra-argumentou que:

(...)

<sup>14</sup> Por exemplo: em uma aula sobre história, o conteúdo seria ensinado somente por meio da memorização das datas e dos eventos considerados importantes, não permitindo ao estudante que fizesse, por meio da interpretação, questionamentos que o possibilitasse uma compreensão mais ampla e mais autônoma do acontecimento histórico. Outro exemplo: em uma aula de botânica, a partir do método *mnemônico*, o professor deveria passar aos discentes apenas o conceito puro e simples do que seria uma célula, sem que tomassem conhecimento prático por meio da observação de uma estrutura celular em um microscópio (ver: *La Barricata*, n. 375, 31 de outubro de 1912, p. 02, “Ainda do método mnemológico-resolutivo”).



O meu método mnemológico-resolutivo é fundado sobre esta verdade incontestável: todos os nossos conhecimentos racionais ou posteriores não têm origem em uma intuição vaga, (...).

(...)

A memória, meus caros, gostem ou não, é a nossa faculdade psíquica mais importante: essa, unicamente, tem o dom da continuidade... E o cientista de hoje – se não será um cretino amanhã – o deve exclusivamente a constância da memória.

(...) (*La Battaglia*, n. 365, 18 de agosto de 1912, p. 03-04, “Pela Escola Moderna”).

O jornal *La Battaglia*, entre os meses de agosto a outubro<sup>15</sup>, continuou publicando o embate entre Bandoni e outros anarquistas a despeito se seu método era de fato Racionalista, com base nos preceitos de Ferrer, ou se se tratava de uma proposição pedagógica dogmática. Emblemático nessa celeuma foi o artigo publicado, em outubro de 1912, no periódico *La Barricata*, de autoria de Leone Aymoré, intitulado “Escola Racionalista ou dogmática?”.

De acordo com Aymoré, o que estava ocorrendo na Escola de Bandoni em Cândido Rodrigues era um processo de “inculcar”, nas crianças, por meio do ensino via memorização, “os discursos filosóficos já postos (...)! Como fazem os padres com as doutrinas deles”. Nessa ocasião, aproveitou-se ainda para demonstrar aos leitores como deveria funcionar a pedagogia racionalista. O exemplo utilizado foi a de um aluno que, de forma dedutiva, é “levado” a perceber que, em toda circunferência, a razão entre o diâmetro e o seu raio tem sempre como resultado aproximadamente 3,1416 (PI). Contudo, pelo método de Ferrer, a criança deveria compreender esse processo e ao mesmo tempo construir autonomamente o conhecimento, e não apenas memorizar tais informações:

(...)

Bandoni vou lhe dar um exemplo, aplicado ao ensino, do método dedutivo e tanto para nos mantermos alegres (...).

(...)

Em meu artigo: a iniciação ao ensino na Escola Moderna eu já comecei a dar um exemplo de indução simplíssima e que tem em mente de desempenhar progressivamente. Darei no entanto aqui o exemplo de qualquer indução mais complicada, supondo que os nossos alunos já conhecem as quatro operações fundamentais.

Pedimos, aos discípulos, que meçam uma circunferência de um círculo e em seguida que meçam o diâmetro. Dividamos a circunferência pelo diâmetro e constatamos que isto é o conteúdo na aquela 3,1416 aproximadamente.

<sup>15</sup> Como exemplo: *La Battaglia*, n. 367, 01 de setembro de 1912, p. 02, “Escola Racionalística ou dogmática” e seguintes.



Façamos a mesma medição com um círculo maior e com outro maior e teremos, sempre, a mesma proporção. A circunferência é sempre três vezes o diâmetro (não tendo em conta os décimos).

Depois tais constatações concluímos, ou concluem os nossos discípulos, com as nossas orientações que todas as circunferências têm sempre a mesma relação com os seis diâmetros e vice-versa. (...).

Tal ensino por este método nunca se esquecerá, ensinado em vez com o método dedutivo, dos teoremas, fórmulas, definições, foge da memória como vapor (*La Barricata*, 375, 31 de outubro de 1912, p. 02, “Escola racionalista ou dogmática”).

Posto em xeque a credibilidade de seu método e a sua capacidade na área do magistério, a saída de Bandoni foi publicar, em uma longa série de artigos, do que se tratava em detalhes a pedagogia mneumônico-resolutiva. Apesar das críticas que cercaram a sua metodologia de ensino, a publicação possui certa relevância na medida em que permite compreender, um pouco, as informações acerca de suas escolas, sobretudo aquela organizada em Cândido Rodrigues, visto ser uma experiência praticamente desconhecida e pouco estudada pela historiografia. Deste modo, é possível perceber, por exemplo, quais disciplinas eram lecionadas e que compunham um conteúdo programático mínimo (como: noções de geografia, matemática, botânica, gramática e história natural) (*La Barricata*, 376, 07 de novembro de 1912, p. 03, “Ainda do método mnemológico-resolutivo”).

Além disso, Bandoni fez questão de ressaltar, mais uma vez, o papel da memória no processo de desenvolvimento cognitivo do aluno, onde o ensino de conceitos e de definições concederiam às crianças uma base sólida, e que somente após essa etapa poderia direcioná-las a um estudo e a uma metodologia mais complexa:

(...)

Para educar convenientemente, nas crianças, a faculdade de definição, é oportuno comunicar-lhes uma série gradual de conhecimentos exatos de coisas simples e facilmente reconhecíveis pela experiência. Quando o menino já conhece um número bastante relevante de coisas isoladas e o modo, melhor e mais completo, com qual vêm geralmente definidas, se pode, então, encaminha-la para estudos mais complexos. E é um esse o ponto, quero dizer quando ele estuda gramática, geografia, história natural, etc., que o mestre pode comunicar e adentra-lo a definição.

E inútil insistir que a base de uma boa educação intelectual não pode ser por meio da memória.

(...) (*La Barricata*, 375, 31 de outubro de 1912, p. 03, “Ainda do método mnemológico-resolutivo”).



## Considerações Finais

A escola em Cândido Rodrigues durou até meados de 1914, quando, por razões desconhecidas, Angelo Bandoni decidiu deixar a cidade e regressar à Capital paulistana e se dedicar na organização de seu novo jornal (*Guerra Social*). Após essa experiência pedagógica, Bandoni não esteve mais envolvido em organização escolar, talvez por conta da idade avançada (aproximadamente 50 anos) o fôlego já não era mais o mesmo.

Mesmo assim, até ao seu falecimento (1947), continuou sendo reconhecido como “professor” e a defender, em seus textos, a importância da instrução da classe trabalhadora como fator preponderante para a revolução social em direção à anarquia. Esse é um ponto assaz importante de sua percepção a cerca do anarquismo, pois para Bandoni o processo revolucionário não aconteceria por meio de uma organização sindical ou específica anarquista, mas exclusivamente através das escolas, através da educação.

Quanto ao seu método, certas ou erradas as suas preposições, o que deve ser ressaltado é o seu desejo enquanto militante em se empenhar por fundar escolas cuja finalidade era resistir aos valores sociais burgueses, religiosos e a um nacionalismo anedótico. Por esta razão, cabe mencionar a importância de sua ação enquanto educador, pois era um intelectual pertencente às bases sociais, sem titulações acadêmicas, que, por sua própria dedicação, tentou garantir uma instrução mínima ao operariado, fato muito ousado, sobretudo em um país onde o projeto republicano era (era?) instituído para manter os trabalhadores em completa exclusão social, haja vista que a educação sempre foi considerada como uma “coisa para elite”. Isso sim é subverter a ordem!

Posto desta maneira, esse artigo, portanto, permite estabelecer contato com o anarquista Angelo Bandoni, um sujeito inquieto, contestador e que tentou viver libertariamente. Acima de tudo, possibilita a aproximação com a experiência, a prática e a inspiradora teoria anarquista. O grande apreço do autor por seu objeto de estudo (sobretudo a trajetória biográfica, as suas ações pedagógicas e a propaganda anárquica de Bandoni) é, em grande medida, um misto de mal-estar e inveja, provocados pela história de vida de um sujeito que se arriscou corajosamente a viver e sobreviver utopicamente.

## Referências

### Periódicos Utilizados



*La Barricata-La Battaglia*, São Paulo.

*La Battaglia*, São Paulo.

*O Amigo do Povo*, São Paulo.

*O Combate*, Rio de Janeiro.

## Bibliografia

ANTONIOLI, Maurizio. A U.S.I. O Sindicalismo Revolucionário Italiano. In COLOMBO, E.; COLSON, D. et al. (orgs). **História do movimento operário revolucionário**. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dizionario biografico degli anarchici italiani**. 2 volumes. Pisa: BFS, 2004.

BENEVIDES, Bruno Corrêa de Sá e. A trajetória de Angelo Bandoni e o “individualismo” anarquista no Brasil (1900-1920). **Acta do I Congresso de Investigadorxs sobre anarquismo**. Buenos Aires, 2016a. Disponível em: <http://congresoanarquismo.cedinci.org/wp-content/uploads/2017/04/Actas-Final.pdf>. Acesso em: 13/12/2017.

\_\_\_\_\_. O anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação. **Revista Semina**, v. 15, n. 2, p. 76-95, 2016b.

BIONDI, Luigi. *Classe e nação*. **Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920**. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

CODELLO, Francesco. “**A boa educação**”: Experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill. Vol. 1: a teoria. São Paulo: Imaginário, 2007.

\_\_\_\_\_. Un anarchismo senza aggettivi. **A rivista anarchica**. Milão, ano 47, n. 416, p. 59-60, maio, 2017.

FEDELI, Ugo. **Gigi Damiani**. Note biografiche: il suo posto nell’anarchismo. Cesena: L’Antitato, 1954.

FELICI, Isabelle. **Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920**. Tese (doutorado) - Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. Paris, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**; história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1983.

GALLO, Sílvio. Anarquismo e educação libertária: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. **Revista de Ciências Sociais**, n. 36, p. 169-186, abril de 2012.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia libertária**: anarquistas, anarquismos e educação. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.



- GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. Memórias, 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios (1875-1914)**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- KHOURY, Yara Maria. **Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista**. São Paulo: USP, 1989.
- LEVY, Carl. **Gramsci and the Anarchist**. New York: Berg, 1999.
- LIPIANSKY, Edmond. **A pedagogia libertária**. São Paulo: Imaginário, 2007.
- MALATESTA, Errico. La Propaganda Anarquista. in RICHARDS, Vernon (org.). **Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios**. Buenos Aires: Anarres, 2007.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; CALSAVARA, Tatiana; MARTINS, Ana Paula. O ensino libertário e a relação entre trabalho e educação: algumas reflexões. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 997-1012, out./dez., 2012.
- MORAES, José Damiro. A educação anarquista no Brasil da Primeira República. **Revista HISTEDBR**, 2010, [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Jose\\_Damiro\\_de\\_Moraes\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Jose_Damiro_de_Moraes_artigo.pdf).
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho**. Pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- PASSETI, Edson; AUGUSTO, Acácio. **Anarquismo & Educação**. Belo Horizonte, 2008.
- PERNICONE, Nunzio. **Italian Anarchism, 1864-1892**. New Jersey: Princeton Legacy Library, 1993.
- REY, Didier. Historique des migrations en Corse depuis 1789. In: PESTEIL, Ph (Org.). **Histoire et mémoires des immigrations en région Corse**. Corte: Université de Corse – Pascal Paoli, 2008
- ROMANI, Carlo. La emigración europea y las escuelas libertarias en Argentina y Brasil en los albores del siglo XX. **Navegar**, v. 03, n. 04, p. 55- 71, jan./jun., 2017.
- \_\_\_\_\_. **Oreste Ristori**. Uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume, 2002.
- SAMIS, Alexandre. **Minha pátria é o mundo inteiro**. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009.
- \_\_\_\_\_. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo; COLSON, D. et al. **História do movimento operário revolucionário**.



São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004 p. 137.

SENTA, Antonio. **Luigi Galleani e l'anarchismo antiorganizzatore**. Itália: Edizioni Bruno Alpini, 2012.

VAN DER WALT, Lucien; SCHMIDT, MICHAEL. **Black Flame**. The revolutionary class politics of Anarchism and Syndicalism. Oakland (CA): AK Press, 2009.